

Título: **SUMAMENTE QUOTIDIANO**

Autora: Marta Fernandes da Costa e Pina Cunha Caldeira

desculpa, mas tenho de te contar. hoje morreu a lúcia. a velha viúva da aldeia (e eu pensei em mim, pensei em ti, assim nesta distância que nunca acaba, nesta morte em vida) quando amanheceu, o corpo e o seu lugar ainda quente cheio das suas mãos, do seu cheiro de mulher velha, dos olhos que alongava sentada na cadeirinha à beira da janela, quando amanheceu, digo, vieram de lá de trás da serra os sobrinhos. trouxeram muitas outras mãos: vestiram-na, deitaram-na no caixão, o terço de latão e perolazinhas fingidas em duas voltas em redor das mãos cruzadas, os sapatos só calçados nas pontinhas dos pés, não cabem, são sapatos de há muitos anos. os cabelos com aquela mise-en-plis que sempre lhe conheci. os caracolinhas muitos fininhos dos rolos, a laca a cheirar a dias de festa. parecia uma menina. depois, levaram-na para a capela da vila. e quando voltaram, já depois de enterrada, entraram-lhe em casa, com pressa, a sobrinha a perguntar, onde é o contentor do lixo mais perto, e toda tarde foi um vaivém de carregos.

um fartão de coisas boas no lixo, dizem aquelas  
outras velhas sentadas no muro à beira da estrada.  
meio encolhidas. meio encolhidas já de saudade. a saudade  
pode ser uma velhice encarquilhada.  
o tempo quase arrependido. pode.  
depois, foram embora. sobra um papel colado na janelita da lúcia, vende-se, em letras  
mal desenhadas.  
mais à frente, toda a sua vida despejada na rua. os olhos  
de toda a gente a desvelarem  
os segredos. a mobília espanhola, negra com florinhas comprada em badajoz.  
como é linda  
meu amor, como é linda.  
as gavetas dos anos  
cheias desses bilhetinhos  
onde com a letra toda inclinada para o lado do coração  
escrevia uma só  
pergunta:  
então o amor é isto?  
os pratinhos de vidro colorido  
em borbotões nas beiras escaqueirados num caleidoscópio de dias.  
os dias de festa  
os dias de luto. quando morreu a mãe  
quando o tempo apagou os natais  
quando as páscoas viram  
os seus dias encurtarem e lhe levaram  
o tempo de homem. sentada à janela  
como quem espera: ha pasado un caballero  
- quién sabe por qué pasó!-  
y se ha llevado la plaza  
con su torre y su balcón,  
con su balcón y su dama,  
su dama y su blanca flor: os versos decorados  
e inscritos num bilhetinho,  
como são lindos, meu amor, como são  
lindos.

agora já não. manchados com a gordura  
de fritos  
o lixo dos outros a manchar o antonio  
machado. o lixo dos dias  
a manchar o seu homem  
a sua torre  
a sua branca flor. a roupa de enxoval  
ainda por estrear,  
devassada na boca dos cães, a baba  
dos cães como sangue de parto,  
a baba dos cães como suor de corpos que ali não  
se deitaram. as rendas  
os intermináveis biquinhos de renda  
para arrematar as toalhas. os retalhos.  
a vida toda em retalhos coloridos. uns tão escuros  
outros  
os gritos coloridos  
do amor espreitando quando  
ela lavava os cabelos. nunca cortes  
esse cabelo, lúcia, nunca

a arca de pés  
e cantos em latão amarelo. as roupas de casa. a casa  
toda em roupas. a casa toda em roupas  
macias  
cheirando a alfazema e maçãs verdes.  
este é o cheiro para a nossa filha, diz a lúcia,

mas a filha não vem. nem ela nem ninguém.

o psiché meio manco:  
o rapaz dos correios de nelas  
no sépia desbotado da moldura  
do fotógrafo de cidade  
- há tantos tantos demasiados anos -  
o vestido domingueiro e o serviço de copos  
comprado às prestações ao vendedor de enciclopédias  
esvoaçam os lençóis da noite em que se deitaram juntos  
o bordado no cabeção: amizade  
um - a - todo intrincado de florinhas  
e folhas. a primavera do amor  
na primavera do corpo.  
um homem de uma mulher pode ocupar toda a casa  
sem nunca o saber. em todas as coisas que uma casa  
pode ter  
uma mulher pode refazer a cada dia  
o seu homem  
e deitá-lo  
sentá-lo  
aninhá-lo entre as sertãs e os pratos da loiça de viana  
entre as linhas de coser e  
as cortininhas de chita que o tempo  
embolorece. há um homem  
a dormir nesta cama  
muito depois de o homem  
partir.

senhores, nem a roupa quiseram, dizem as velhas sentadas  
encolhidas  
encolhidas. as palavras cheias de rugas  
os olhos aguados. cataratas do tempo  
desaguando em espanto. senhores,  
nem a roupa do corpo quiseram guardar.  
baixo os olhos. quando a minha morte vier  
que venha escandalosa  
repentina  
e me roube a memória dessa frase  
toda inclinada  
para o lado do coração: então o amor  
é isto?  
não quero saber nem mais uma palavra.  
nem mais uma.

que é feito do rapaz dos correios em nelas  
dos beijos de olhos  
dos sorrisos de mãos  
e do amor escorrendo pelas pernas: quando passou  
os pirinéus  
o amor era essa palavra  
roubada nas escadas  
do prédio  
o ventre espantado  
um calor crescente e a água da boca.  
a mãe dormia e embalava nos braços  
a menina desejada. ainda ela  
ainda ele  
e um amor todo inclinado para o lado do coração. é sempre daqui que nascemos  
para o mundo  
sempre os olhos abertos inúteis  
quase cegos  
e é sempre aqui que nos morremos  
com os sons a deslizarem lentamente da boca  
uma casa aos pés guardando toda a existência  
o amor que se fez  
o amor que nos viajou por dentro do corpo.

é sempre assim que nos morremos:  
olhos  
abertos  
quase inúteis: cegos somos já  
a todo o mundo. quando vier a minha morte  
quero-me assim  
muda olhos vazados  
escondendo entre os ossos esse mistério  
do lado coração e  
todos os momentos em que me viajei por dentro. e de ti.  
o silêncio todo do mundo  
entre as mãos  
cruzadas no peito  
um terço de perolazinhas de fingir  
o latão da nossa senhora de fátima  
os sapatos na pontinha dos pés

e uma roupa por estrear: assim quero também eu  
receber a minha morte: menina  
de olhos cegos  
e a pureza de um coração  
inclinado no corpo  
para o lado em que o mundo  
não venha acordar-me: então  
o amor  
é isto?  
(chiu...)

o amor morte  
branca  
de perolazinhas fingidas  
latão de nossa senhora  
a sossegar duas mãos cruzadas  
no lado mais inclinado.

marta cunha caldeira@nafarros

ao Ruy Belo  
à Maria Belo